

ORFEU, O CANTOR DOS MISTÉRIOS

Francisca Luciana Sousa da Silva⁹

Resumo

Pretendemos analisar características fundantes do culto órfico, notadamente *iniciação*, *abstenção de carne* e *sacrifício de hinos*, bem como destacar a relevância desse culto de mistérios na formação das ideias gregas sobre a alma, no período clássico, em contraposição ao período arcaico. Segundo Manfred Lurker (2003:500), o *culto* expressa, externamente, o respeito interior relacionado ao divino. Dele fazem parte as festas religiosas e os mistérios, os quais correspondem, por sua vez, a “cultos secretos em oposição a cultos de Estado” (p. 443). A participação nos mistérios, contudo, reclama um ingresso ritualístico, um rito de passagem, uma transição simbólica da morte para o renascimento. “Na Antiguidade, a *iniciação* era a admissão aos *mistérios*.” (p.349)

Palavras-chave

Ascese, Catábase, Iniciação, Mistério, Orfismo.

Abstract

We intend to analyze characteristics of the founding Orphic cult, especially initiation, abstinence from meat and sacrifice of hymns, as well as highlighting the relevance of this cult of mysteries in the formation of Greek ideas about the soul, in the classical period, as opposed to the archaic period. According to Manfred Lurker (2003:500), the cult expressed externally, respect related to the divine within. Are part of religious festivals and mysteries, which correspond, in turn, the "secret cults as opposed to cults of state" (p. 443). The participation in the mysteries, however, claim a ticket ritual, a rite of passage, a transition symbolic death to rebirth. "In antiquity, the initiation was admission to the mysteries." (P.349)

Keywords

Ascetic, Katabasis, Initiation, Mystery, Orphism.

⁹

Mestranda em Literatura Comparada, Universidade Federal do Ceará

Orfeu, o cantor dos mistérios

Um funesto himeneu. Para tão grande amor de Orfeu e Eurídice, tão curta a vida, subtraída por uma serpente. A noiva cai nos braços de Thánatos; o amante, hierofante, desce às Tenárias portas, qual canta o poeta das metamorfoses. Lá tange a lira, convence Caronte, comove as Erínias, consola as almas perdidas. Suplicante, apresenta-se à Soberana Senhora e ao Sombrio Senhor. Eles também aquiescem. Apenas uma condição, infringida no derradeiro instante. Outra vez perde Eurídice. Outra vez seguirá sozinho...

A música de Orfeu é o mote para esta comunicação, que pretende analisar algumas características do culto órfico bem como destacar a relevância deste na formação das ideias gregas sobre a alma, no período clássico, em contraposição ao período arcaico. Cumpre assinalar ainda a grande aproximação com o culto dionisíaco. Antes, porém, é importante esclarecer alguns termos empregados no discurso ora proferido, à luz do tema em questão. O primeiro deles é *culto*. Segundo Manfred Lurker, trata-se de “expressão exterior do respeito interior face ao divino. (...) Num sentido amplo fazem parte do culto também as festas religiosamente motivadas e os *mistérios*.” (2003, 177) Estes, por sua vez, correspondem a “cultos secretos em oposição a cultos de Estado. Principalmente nos mistérios do helenismo, formados pela união das religiões grega e oriental, o mito de um deus surgido nos primórdios da terra, a sua morte e ressurreição, é praticado em rituais dramáticos para presentificar os acontecimentos primitivos.” (idem, 443). A participação nos mistérios, contudo, reclama um ingresso ritualístico, um rito de passagem, uma transição simbólica da morte para o renascimento. “Na Antiguidade, a *iniciação* era a admissão aos *mistérios*.” (idem, 348-349). Outra palavra aqui empregada é *mística*, que deriva do grego *mystikós*, com frequência associada a símbolos de culto, referindo-se às relações com a divindade nos mistérios (Cf. p. 445). Lurker (2003) acrescenta:

Este fenômeno religioso é antiquíssimo e remonta aos povos primitivos, entre os quais os homens buscavam a ligação com os poderes superiores por meio da ascese, dança e êxtase de embriaguez. Nas altas religiões, o objetivo desta busca é a *unio mystica*, a união do ser humano com a existência absoluta. O caminho para ela passa geralmente pela ascese, purificação ética e meditação. (idem, 446)

A vivência mística é inefável, expressa por meio de imagens e símbolos, notadamente uma simbologia cósmica e paradoxal. A esse respeito é oportuno destacar o extenso e minucioso estudo de Alberto Bernabé, professor da Universidad Complutense de Madrid, acerca de Orfeu e do orfismo e as relações deste com a filosofia platônica na obra *Platão e o orfismo: diálogos entre religião e filosofia*, traduzida para o português do Brasil pela Annablume Clássica. Sobre a função religiosa atribuída a Orfeu vai nos dizer Bernabé:

Também se atribuía a Orfeu uma função religiosa, como profeta (e assim Platão se refere a ele na passagem *Resp.* 366a) e fundador de rituais religiosos e oráculos, de acordo com os testemunhos de múltiplas fontes antigas, especialmente as chamadas *teletai*. O termo *τελετη* se traduz frequentemente por “iniciação”. No entanto, é muito mais do que isso, dado que inclui diversos rituais, não necessariamente iniciáticos, geralmente relacionado aos Mistérios e ao destino da alma no Além. (p. 40)

Mais adiante, o erudito espanhol aproxima Orfeu de outro poeta, Tamiras, castigado pelas Musas por querer competir com elas. Ambos são mencionados por Platão¹⁰ como “arquetipos míticos de cantores maravilhosos (*Ion* 536b), autores de hinos dulcíssimos (*Leg.* 824d)”. No entanto, assinala Bernabé:

aqui e ali o filósofo sabe deformar sutilmente os dados do mito, para que deixe claro, em suas referências, que o seu modo de ver Orfeu como personagem mítico é negativo, irônico, quando não desrespeitoso. Tal fato nos faz concluir que a fascinação que exerce sobre os demais é tão falsa quanto o discurso de Protágoras (*Pl. Prot.* 315a): deixa deliberadamente na ignorância a sua condução ao progresso (*Pl. Leg.* 677d), que acarreta a merecida humilhação de morrer pelas mãos de mulheres, e nos infernos escolhe com rancor reencarnar como cisne para não nascer mulher (*Pl. Resp.* 620a). Platão sublinha até mesmo o fato de descender de uma Musa com um irônico “segundo dizem” (*Pl. Resp.* 364e, cf. *Tim.* 40d). A atitude do filósofo contrasta com a de outros autores, que costumam citá-lo de forma positiva (...) e até mesmo pelo passo de Platão, no qual Sócrates se refere a ele como um dos arquetipos (o primeiro) das pessoas ilustres as quais quaisquer dos juizes desejaria ver no Hades (*Pl. Apol.* 41a, cf. § 1.2.). (p. 70-71)

Da nossa parte, concordamos com estes autores que veem Orfeu positivamente, pois, para nós, é evidente a presença do vate da Trácia na poesia contemporânea (na verdade, uma presença que se pode dizer perene haja vista o número de adaptações, versões, leituras e releituras do mito para a ópera, o teatro, o cinema, as *graphic novels*,

¹⁰ “Massaracchia concluiu em sua investigação das citações platônicas que o filósofo considerava Orfeu muito anterior a Homero e que entendia que a cultura poética e religiosa tradicional se compunham de dois momentos distintos e sucessivos: um mais antigo, encabeçado por Orfeu, e outro mais moderno, encabeçado por Homero.” (1993, 183 *apud* Bernabé, 2011:37) Curioso notar que o mais antigo tenha se tornado mais moderno, senão o preferido dos contemporâneos...

nas mais diferentes épocas, desde a Antiguidade até os dias de hoje). A música brasileira, de modo muito especial, tem em Orfeu uma rica fonte de inspiração. Que o digam Tom Jobim, maestro soberano, e Vinícius de Moraes, nosso poetinha, na feliz parceria para o filme de Marcel Camus, *Orfée Noir* (*Black Orpheus*, 1959), versão cinematográfica da peça *Orfeu da Conceição*, cujo primeiro ato foi escrito numa madrugada de 1942, mas encenada em 1956 pelo Teatro Experimental do Negro, grupo criado por Abdias do Nascimento, com direção de Leo Jusi e cenários de Oscar Niemayer. Esta abordagem, contudo, embora muito nos interesse e emocione, não é pauta da presente comunicação.

Orfeu: considerações etimológicas

Píndaro, na *Quarta Pítica*¹¹, faz referência a Orfeu, filho de Apolo, deus da luz e também “loxos”, o oblíquo. Ele, Orfeu, que toma assento na expedição dos Argonautas¹², o primeiro a ser mencionado¹³, tem um nome misterioso, por vezes associado a *ribhus*, poeta e cantor em sânscrito. Salomon Reinach, no começo do séc. XX, associou a *órphnos*, adjetivo grego que significa obscuro. De modo semelhante, Gabriela Guimarães Gazzinelli, na introdução de *Fragmentos órficos*, diz: “Uma das possíveis etimologias de seu nome seria, inclusive, *órphna*, cujo sentido é trevas, escuridão, numa alusão à sua aventura pelo Hades. Ele obteve, assim, ainda vivo, conhecimento do mundo dos mortos, o que lhe permitiu instituir os mistérios.”¹⁴

Reinach ligou-o ao Dioniso Noturno e procurou ver nele um deus infernal. Aqui se estabelece no mito uma relação entre Apolo e Dioniso, vistos como antagonistas pelos modernos. No Livro XI das *Metamorfoses*, de Ovídio, Febo chega para enxotar uma serpente desrespeitosa dos restos sagrados de Orfeu. Dioniso também intervém em

¹¹ “Y de Apolo llegó el tañedor de la lira, el padre de los cantos, el muy celebrado Orfeo.” (Pín. *Pít. IV. Est. VIII, Ant. v. 176s*)

¹² “En torno a los fuegos formaron una amplia ronda de baile, con cantos de alabanza a Apolo Auxiliador. Entre ellos, Orfeo, el noble hijo de Eagro, a los acordes de su lira Bistonia, dio comienzo a una sonora canción.” (Ap. *Rd. Arg. Canto II, v. 700s*)

¹³ “En primer lugar mencionemos a Orfeo, al que es fama engendró en tiempos la propia Calíope junto a la atalaya de Pimplea, después de haberse acostado con el tracio Eagro. De Orfeo cuentan que al son de sus cantos hechizaba las incommovibles peñas de los montes y las corrientes de los ríos. Como testimonios de aquel canto, los robles agrestes que verdean sobre la ribera de la zona de Tracia, aún uno tras otro se mantienen en hilera, incontables, los árboles que encantados por su lira atrajo él desde Pieria. Tal era Orfeo, a quien el Esónida, persuadido por los consejos de Quíron, aceptó como compañero de sus empresas. Era soberano de la Peria Bistónide.” (*Arg. Canto I, v. 6s*)

¹⁴ Fatos semelhantes nos mistérios eleusinos e báquicos: o rapto de Perséfone por Hades e as três mortes de Dioniso Zagreu.

favor do cantor da Trácia: ele condena as Bacantes a viver nas florestas, acorrentadas ao chão por meio de raízes tortuosas, e decide abandonar aquele país demasiado bárbaro.

Mas Orfeu é um encantador de montanhas, pois arrasta atrás de si animais e árvores: seu cortejo lembra o famoso cortejo de Dioniso. Como Dioniso Zagreu, ele desce aos Infernos, à procura do ser amado; como aquele, é esfaqueado e decepado, conforme Pierre Brunel em *Dicionário de mitos literários*, que também traz a síntese de um poeta húngaro para essa imagem mítico-literária: “O tambor fúnebre toca, fico para sempre dançando / em círculo, um canto enche o vale que meu sangue / fertilizou, a vinha encerra o segredo de minha vida eterna.” (WEÖRES, 1955 apud BRUNEL, 2005, p. 771).

Cumprido, nesse motivo mítico, estabelecer uma diferença: enquanto de Zagreu resta o coração, engolido por Zeus, que fecundará Sêmele; de Orfeu resta a cabeça que, “lançada num rio, foi cantando até a ilha de Lesbos, onde, por muitos anos, ainda proferiu oráculos”, relembra Gazzinelli na sua introdução intitulada “Doutrinas relativas à alma”, do já aludido *Fragments órficos*. Ela acrescenta na página 15:

Mas, segundo Onians, a cabeça seria o assento da psiché (parte do aparato anímico que sobreviveria à morte). Assim, poderíamos entender a descida da cabeça de Orfeu rio abaixo como o caminho da alma para a vida nova depois da morte.

(...) Desse modo, um ponto crucial na vida de Orfeu seria a sua descida (*katábasis*) ao Hades, mundo dos mortos, seguida por seu retorno (*anábasis*) ao mundo dos vivos, feito que realizou devido aos poderes encantatórios de sua música.

Passagens como essa reforçam a estreita ligação do pensamento platônico com o orfismo, resguardadas as críticas feitas pelo professor espanhol Alberto Bernabé, especialmente no que diz respeito ao mundo dos mortos, à imortalidade da alma e à ideia de metempsicose (sucessivas reencarnações), como se podemos ler no diálogo *Fédon*.

Orfeu: precursor do ecumenismo e do vegetarianismo

Considerando a versão segundo a qual é filho de Eagro, rei da Trácia, e da Musa Calíope, Orfeu foi iniciado pelo pai nos mistérios de Baco, tratou de estudar a origem, a história e os atributos de todas as divindades, empreendeu longas viagens e passou algum tempo no Egito, instruindo-se nas crenças e práticas religiosas de diferentes povos. Ele teria trazido para a Grécia, ao voltar do Egito, a expiação dos crimes, o culto

de Baco, de Hécate Ctônica ou Terrestre, e de Ceres, assim como os mistérios órficos. Abstinha-se de carne e ovos¹⁵: o ovo era o princípio de todos os seres, axioma de cosmogonia aprendida dos egípcios e premissa dos mistérios por ele instituídos, conforme figura em *Mitologia grega e romana*, de Commelin. E Gabriela Guimarães acrescenta: “Ao que parece, ideias orientais como imortalidade da alma, divisão entre corpo e alma, metempsicose e um juízo após a morte foram introduzidas na cultura grega pelo orfismo. Na Grécia Arcaica, prevaleciam outras concepções sobre a alma e a morte.” (p. 16)

Orfeu: o grande iniciado

Atribui-se a Orfeu a composição de hinos e rapsódias, de modo que a música desempenharia um importante papel nos ritos de purificação. Os iniciados deveriam seguir uma série de preceitos ascéticos a fim de se purificarem na vida terrena. Neste ponto, cumpre lembrar o significado do termo ascese:

Na filosofia grega, conjunto de práticas e disciplinas caracterizadas pela austeridade e autocontrole do corpo e do espírito, que acompanham e fortalecem a especulação teórica em busca da verdade.

No cristianismo e em todas as grandes religiões, conjunto de práticas austeras, comportamentos disciplinados e evitações morais prescritos aos fiéis, tendo em vista a realização de desígnios divinos e leis sagradas.

Do gr. *áskésis*, *eós* 'exercício prático (de uma arte), gênero de vida dos atletas', p.ext. 'profissão (especificamente, dos filósofos)', (...).'
(HOUAISS, 2001, p. 313)

Em se tratando de um culto de mistérios, não se pode afirmar categoricamente quais seriam as práticas e as cerimônias dessa ascese órfica. Especula-se, porém, que houvesse “sacrifício de hinos”, encenações dos mistérios órficos durante as quais os iniciados eram apresentados a objetos simbólicos, como a túnica ou *péplos*, a cratera, a lira e a rede. “Provavelmente, também havia rituais com brinquedos usados para atrair Dioniso Zagreu (dados, cones, espelhos, maçã das Hespérides, rolo de lã) com a roda ou coroa que representava o ciclo de vidas, com a escada, uma metáfora para a ascensão gradual ao longo da iniciação”. (Gazzinelli: 2007, p. 22)

Alguns desses preceitos puderam ser atestados em função das antigas e das mais recentes traduções dos poemas sagrados, encontrados em sítios arqueológicos da Grécia,

¹⁵ “Um dos pilares da ascese órfica seria o vegetarianismo e a recusa em se verter sangue. (...) abrangia tanto a alimentação quanto as práticas de sacrifícios.” (Gazzinelli: 2007, p. 22)

da Itália e do Egito. Destacam-se o Papiro de Derveni (encontrado em 1962 no nordeste da Grécia perto de Tessalônica); o Papiro de Gurob (datado do fim do séc. III a.C., descoberto em Gurob, um vilarejo egípcio, ao sudoeste de Cairo); e as lâminas de ouro da Magna Grécia, de Creta e da Tessália (todas encontradas em tumbas que datam, em média, do séc. V a.C. ao séc. II a.C.).

O que se anuncia nas crenças órficas relativas à alma? Um novo sentimento da vida e uma nova forma de consciência de si próprio; um passo essencial no desenvolvimento da consciência pessoal humana; a ânsia pela pátria eterna, pois se acreditava no destino divino. É o que assinala Werner Jaeger em sua *Paideia: a formação do homem grego*. Ele diz ainda que o movimento órfico foi “um dos mais significativos testemunhos desta nova intimidade que penetra até o mais profundo da alma popular.” Essa intimidade traduz a descoberta da “natureza do ser”, um estágio prévio necessário na “luta decisiva em prol de uma nova estruturação espiritual da vida, não representa só um vigoroso esforço filosófico, mas também uma pujante expressão religiosa”.

A representação multifacetada de Orfeu – poeta, músico, amante, herói, teólogo, adivinho, filósofo, permite compreender a expansão dos cultos órficos além da esfera religiosa, para os quais convergem as tradições poética, religiosa e filosófica, além da elaboração a partir de uma série de oposições, como vida/morte, mortal/divino, humano/animal, celeste/ctônico, “que se apoderam do imaginário humano.” Também contribuiu para a assimilação do orfismo, resultado de uma cultura híbrida, a importação de elementos orientais para a Hélade, o que intensificou os diálogos entre a religião de mistérios e as tradições mais variadas (Gazzinelli, 2007: p. 32).

Das “palavras gravadas, como passaporte para o outro mundo, nas pequenas tábuas órficas de ouro, achadas nos sepulcros do sul da Itália” e em outros sítios arqueológicos, cumpre guardar a senha da fé: “Também eu sou da raça dos deuses.”¹⁶

Poema

*Uma árvore surgiu. Ascensão pura!
Orfeu canta! A árvore é toda ouvidos.
Tudo cala. Mas, da calma obscura,
Nasce um começo; muda o sentido.*

*Os animais saíram do transparente
Bosque, deixaram ninho e covil;
Então, o que se viu, foi que nem por ardil*

¹⁶

ORFEU, frags. 17ss.

Nem por medo ficavam tão silentes:

*Tudo era ouvir. Uivar, gritar, bramir: não.
Só a melodia. Onde antes
Mal havia choça a receber o canto,*

*Agora há um abrigo de forte quebranto,
Com portais de colunas vibrantes;
Ali criaste-lhes um templo da audição.*

(Rainer Maria Rilke, 1922: I.1/I.9)

Orfeu metálico

*Orfeu desceu
teceu firmes acordes
embeveceu todo o Hades
Das mãos sublimes
notas de aço
em lira escarlate*

(Luciana Sousa, 20/01/2010)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, Udo. **Dicionário de símbolos**. Tradução Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 1999. Pág.206.208.

BERNABÉ, Alberto. **Platão e o orfismo: diálogos entre religião e filosofia**. Tradução de Dennys Garcia Xavier. – São Paulo: Annablume Clássica, 2011. (Coleção Archai: as origens do pensamento ocidental, 5).

BRUNEL, Pierre. **Dicionário de mitos literários**. Tradução Carlos Sussekund... [et al]. – 4ª. ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. Pág. 765-771.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. – 24ª. ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2009. (Páginas: 662-3; 553; 259-260.)

COMMELIN, P. **Mitologia grega e romana**. Tradução Eduardo Brandão. – 2ª. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1997. Pág. 284-286.

GAZZINELLI, Gabriela Guimarães. **Fragmentos órficos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. Pág. 11-32, 35, 65, 69.

HOUAISS, António. (1915-1999) e VILLAR, Mauro de Salles (1939-). **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JAEGER, Werner. **Paideia: a formação do homem grego**. Tradução Arthur M. Parreira. – 4ª. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001. P. 190-209.

LURKER, Manfred. **Dicionário de simbologia**. Tradução Mário Krauss, Vera Barkow. – 2ª. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2003. Pág. 500.

OVÍDIO (42 a.C.-17 d.C.). **Metamorfoses**. Tradução Bocage. – São Paulo: Hedra, 2007.

PÍNDARO. **Odas y fragmentos. Olímpicas, Píticas, Nemeas, Ístmicas, Fragmentos**. Introducción general de Emilia Ruiz Yamuza; traducción y notas de Alfonso Ortega. Madrid: Editorial Gredos, 1982; Barcelona: RBA Coleccionables, 2006.

RILKE, Rainer-Maria. **Os sonetos a Orfeu; e Elegias de Duíno**. Tradução e seleção Karlos Richbieter e Paulo Garfunkel. – Rio de Janeiro: Record, 2002.

RODAS, Apolonio de. **El viaje de los argonautas**. Traducción e introducción de Carlos García Gual. Madrid: Alianza Editorial, 2004.

SCHURÉ, Édouard. **Os grandes iniciados: Orfeu**. Vol. 5. Tradução Domingos Guimarães. São Paulo: Martin Claret, 2003.